

A OCUPAÇÃO ANTIGA NO PANTANAL DO MATO GROSSO DO SUL

JAIRO HENRIQUE ROGGE¹

No Projeto Corumbá foram registrados uma grande quantidade de sítios arqueológicos em uma área de cerca de 5.000 km², que abrange distintos sistemas ecológicos entre os quais se destacam, devido ao seu forte contraste em termos de fisiografia, as áreas baixas alagadiças e os morros e planaltos residuais. A maior parte dos sítios foram encontrados nas áreas mais baixas, próximos a corpos d'água (lagoas e rios) ou dentro da planície de inundação, estes últimos caracterizados pelos *aterros*, que são contados às centenas dentro do Pantanal.

Um modelo inicial de ocupação da região foi idealizado, baseando-se nas evidências arqueológicas obtidas em oito anos de pesquisa, para os assentamentos de populações ceramistas relacionadas às áreas baixas (uma cerâmica que parece ter origem chaquenha (Rogge, 1996; Schmitz e outros, 1998), no qual sítios centrais estariam localizados próximos às lagoas maiores (Jacadigo, Negra) ou drenagens perenes (rio Verde, córrego Mutum) enquanto os sítios periféricos, os *aterros* da planície de inundação, estariam espalhados por uma área maior e seriam ocupados por pequenos grupos desmembrados dos assentamentos maiores durante a estação da enchente. Os dados utilizados e a construção mais detalhada desse modelo de ocupação para o Pantanal estão explicitados em Schmitz e outros (1998).

Em todos os sítios considerados como assentamentos centrais ocorre, subjacente ao horizonte de ocupação ceramista, uma ocupação pré-cerâmica

contramos um terreno relativamente plano (com uma pequena declividade em direção ao rio) até cerca de 1 km para o interior, quando temos então vários morros calcáreos mais altos e, mais adiante, os planaltos residuais de ferro-manganês. Sobre a área do sítio estão localizadas uma escola, rua e casas que, em muitos pontos, perturbaram a estratigrafia original. As intervenções realizadas, por meio de cortes estratigráficos e sondagens, foram feitas em áreas mais intactas, especialmente no pátio interno da Escola de 1º Grau 17 de Março.

O SÍTIO MS-CP-22

As sondagens realizadas e a observação de vestígios superficiais dão a esse sítio uma área de, pelo menos, 17.000 m², situada sobre terreno calcário entre dois córregos intermitentes que permitem fácil acesso ao rio. Ao longo da escarpa ainda ocorre uma estreita faixa de vegetação mais densa, que provavelmente cobriria também a área hoje urbanizada.

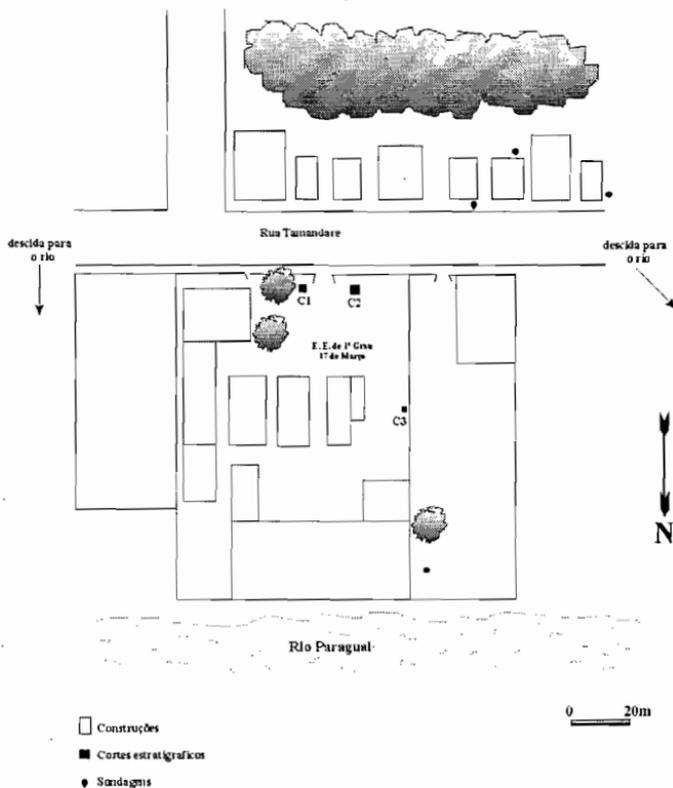


Figura 2. Área do sítio MS-Cp-22.

Ainda que a maior parte do sítio esteja sob construções atuais, em algumas partes apresenta-se conservado, como no pátio da escola. Nessa área foram feitos três cortes estratigráficos: o corte 1, com 2 x 1,35 m, o corte 2, com 3 x 3 m e o corte 3, com 1,5 x 1,5 m (Figura 2).

A área onde foram feitos os cortes 1 e 2 parece ser a porção central, mais espessa, com um perfil estratigráfico que chega a cerca de 1,50 a 1,20 m de profundidade, sendo que em direção à periferia a espessura diminui, como pôde ser visto no corte 3 e em alguns pontos de sondagem.

O corte 1 apresentou uma estratigrafia na qual lentes com moluscos (*Pomacea scalaris* e *Pomacea canaliculata*) quebrados ou inteiros intercalavam-se com camadas de sedimentos arenosos e com muitas cinzas, mostrando uma ocupação contínua ao longo de 1,50 m de perfil, com uma grande quantidade de restos ósseos, notadamente peixes, e muitos resíduos de debitage e artefatos líticos. No primeiro nível foi encontrado, ainda, um sepultamento estendido, em decúbito ventral. Foram feitas duas datações radiocarbônicas nesse corte, nos níveis 8 e 13, que forneceram datas convencionais de 8.160±60 A.P. (Beta-91897) e 8.180±80 (Beta-91898), respectivamente.

O corte 3 apresentou uma estratigrafia mais simples e menos profunda, mas contendo também alguma quantidade de restos líticos. Não foram feitas datações.

O corte 2, por sua vez, é o que forneceu maior número de informações

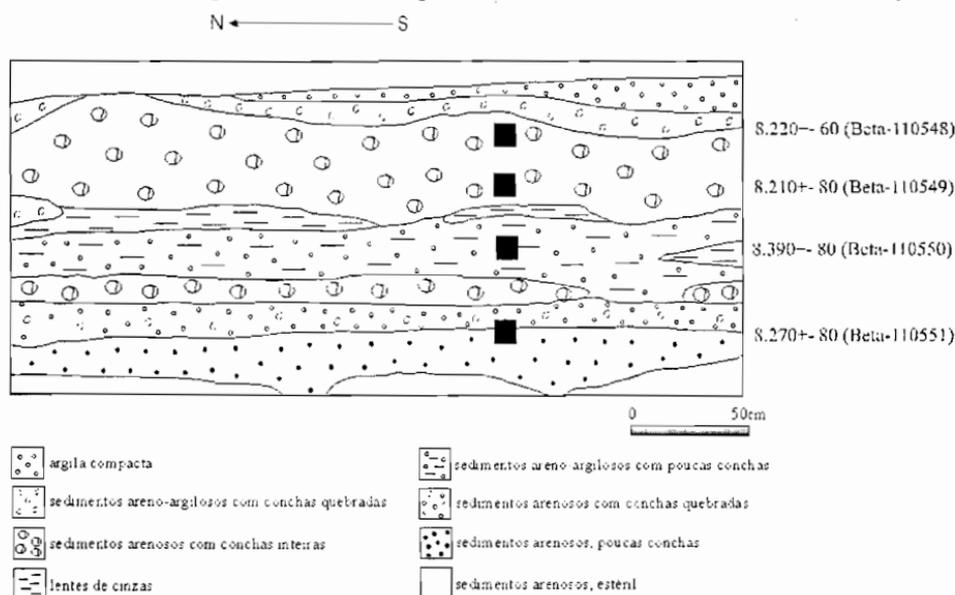


Figura 3. Perfil estratigráfico

sobre os restos de alimentos, a indústria lítica e a distribuição espacial do material, bem como a maior parte das datas radiocarbônicas. O perfil estratigráfico chega a 1,20 m de profundidade, composto por oito camadas naturais que, à semelhança do corte 1, intercalam lentes de conchas quebradas ou inteiras com sedimentos arenosos e cinzas, em uma ocupação contínua ao longo de toda a estratigrafia. Foram feitas quatro datações correspondentes aos níveis 11, 7, 5 e 3, fornecendo datas convencionais de 8.270±80 A.P. (Beta-110551), 8.390±80 A.P. (Beta-110550), 8.210±80 A.P. (Beta-110549) e 8.220±60 A.P. (Beta-110548), respectivamente (Figura 3).

Os restos de alimentos (Sbeghen, 1998; Schmitz e outros, 1998) mostram uma grande quantidade de animais consumidos, distribuídos entre Moluscos, Peixes, Anfíbios, Répteis, Aves e Mamíferos. Porém, a maior quantidade de restos faunísticos está representada pelos moluscos *Pomacea canaliculata* e *Pomacea scalaris*, seguida dos peixes, especialmente os Siluriformes (p. ex. bagres). Além destes, ocorrem também restos significativos de répteis, como o jacaré e uma quantidade relativamente pequena de mamíferos como a preá, porco-do-mato, capivara, cervídeos além de algumas aves.

A INDÚSTRIA LÍTICA

O estudo do material lítico foi feito principalmente sobre o material resgatado no corte 2. A indústria lítica foi produzida, ao longo de toda a sequência de ocupação, principalmente a partir de blocos e seixos de calcário, matéria-prima abundante na área e substrato sobre o qual está assentado o sítio. É também significativo o uso de uma variedade leitosa de quartzo e da calcedônia, matérias-primas associadas aos veios que ocorrem no calcário. Além destas, ocorre uma ampla variedade de outros tipos de rochas, que eventualmente foram utilizadas, como o jaspilito, o siltito, o arenito, o arenito silicificado, a hematita, o xisto, o basalto entre outras. Talvez com exceção do basalto, todas podem ser facilmente encontradas em um raio de dez quilômetros do sítio.

Os vestígios líticos são muito abundantes, na maior parte sob forma de núcleos, lascas e fragmentos de lascamento. Muitos blocos, algumas vezes regularizados, foram encontrados formando estruturas para apoio de esteios de habitações nos níveis superiores. A grande maioria foi, provavelmente, trazida para retalhamento, sendo que poucos não apresentam algum sinal de lascamento. A densidade de material lítico aumenta consideravelmente nos níveis mais profundos, formando pisos de ocupação bem marcados especialmente entre os

níveis 7 e 10 (Figura 4).

A tecnologia de debitage foi tanto o lascamento unipolar como o bipolar, embora esse último pareça ser mais amplamente utilizado, especialmente no calcário e no quartzo, produzindo em geral lascas longitudinais espessas e núcleos sub-arredondados ou quadrangulares (Figura 5: 1). Por outro lado a percussão unipolar, embora também usada no retalhamento dos núcleos, é mais comum na formatização de instrumentos como os *talhadores* unifaciais e bifaciais (Figura 5: 2, 3). Estes, em geral, são de grande tamanho e peso e apresentam gumes grosseiros com ângulo aberto.

Poucas são as lascas trabalhadas mas, quando ocorrem, possuem evidentes retoques periféricos e, algumas vezes, forte desgaste (Figura 5: 4).

Alguns seixos apresentam gume polido e pelo menos duas lâminas de machado com gargalo foram encontradas, uma no corte 2 e outra no corte 3, feitas em basalto e diorito (Figura 5: 5).

Blocos com depressões circulares polidas (Figura 5: 6) são peças comuns ao longo de toda a seqüência de ocupação. As depressões, que podem

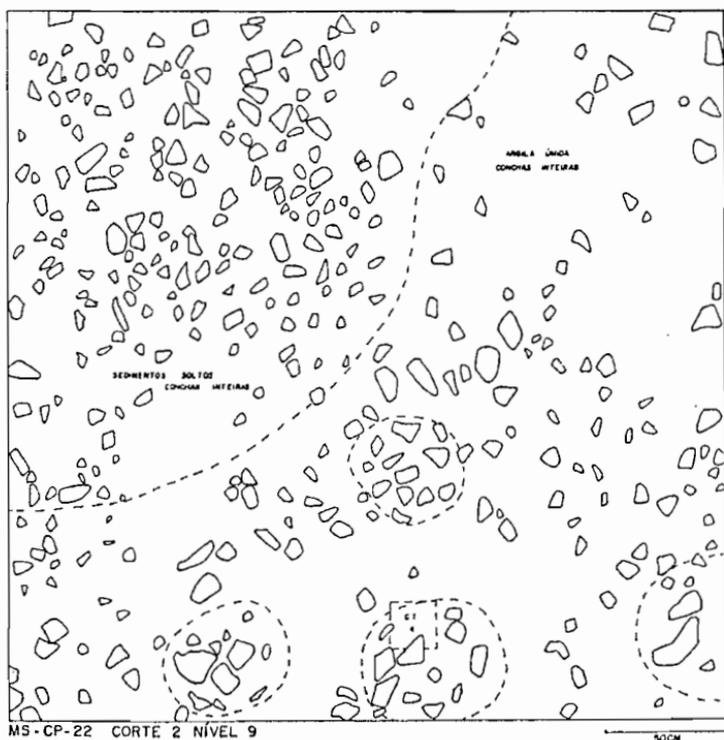


Figura 4. Densidade do material lítico.

ocorrer em mais de uma face num mesmo bloco, têm comumente diâmetros entre 2 e 4 cm e uma profundidade entre 0,6 e 1 cm. Além desses blocos com depressões pequenas e circulares, ocorrem também blocos com depressões polidas em superfícies maiores, que podem cobrir toda uma face (Figura 5: 7). Outros artefatos que devem estar associados a esses últimos referidos são peças nucleiformes prismáticas que possuem uma face polida ou esmagada, que poderiam ter sido utilizadas como *mãos*.

Os artefatos mais distintivos, presentes nesse contexto são as *bolas* (Figura 5: 8, 9, 10), pequenas peças sub-esféricas polidas ou lascadas, produzidas especialmente em calcário. Ocorrem ao longo de toda a ocupação e foram encontradas nos três cortes realizados. As *bolas* polidas são esferóides muito bem acabados, enquanto que as lascadas são menos perfeitas; algumas dessas últimas poderiam ser *pré-formas*. Esses artefatos são os que, especialmente, distinguem o material lítico desse sítio com o dos sítios pré-cerâmicos das áreas baixas alagadiças, onde não são encontradas.

MS-CP-22 E A OCUPAÇÃO DO PANTANAL

As diferenças entre o sítio MS-CP-22 e os sítios pré-cerâmicos (e cerâmicos) das áreas baixas, em termos de implantação e indústria lítica, são bastante marcantes. A idéia é de que o tipo diferenciado de implantação na paisagem deve, possivelmente, estar relacionado à evolução ambiental do Pantanal.

Estudos páleo-ambientais mostram que durante o Pleistoceno predominava, na região, um ambiente de intensa aridez, responsável pela formação de um *páleo-deserto* (Klammer, apud Por, 1995). A partir da transição Pleistoceno/Holoceno o ambiente sofre uma gradual modificação, passando de árido à semi-árido com chuvas ocasionais torrenciais, responsáveis pela formação de grandes leques aluviais que dão início à conformação geomorfológica atual mas ainda sem as comunidades bióticas características. A partir do Ótimo Climático (6.000 – 5.000 anos atrás) o clima semi-árido dá lugar a um clima tropical úmido com marcada estacionalidade (Por, 1995; Oliveira, 1996).

Nesse momento o Pantanal adquire as feições ambientais atuais, especialmente em relação aos ecossistemas aquáticos e sub-aquáticos e ao aumento da diversidade biológica (Ab'Sáber, 1988; Oliveira, 1996).

É justamente a partir do estabelecimento das feições geomorfológicas

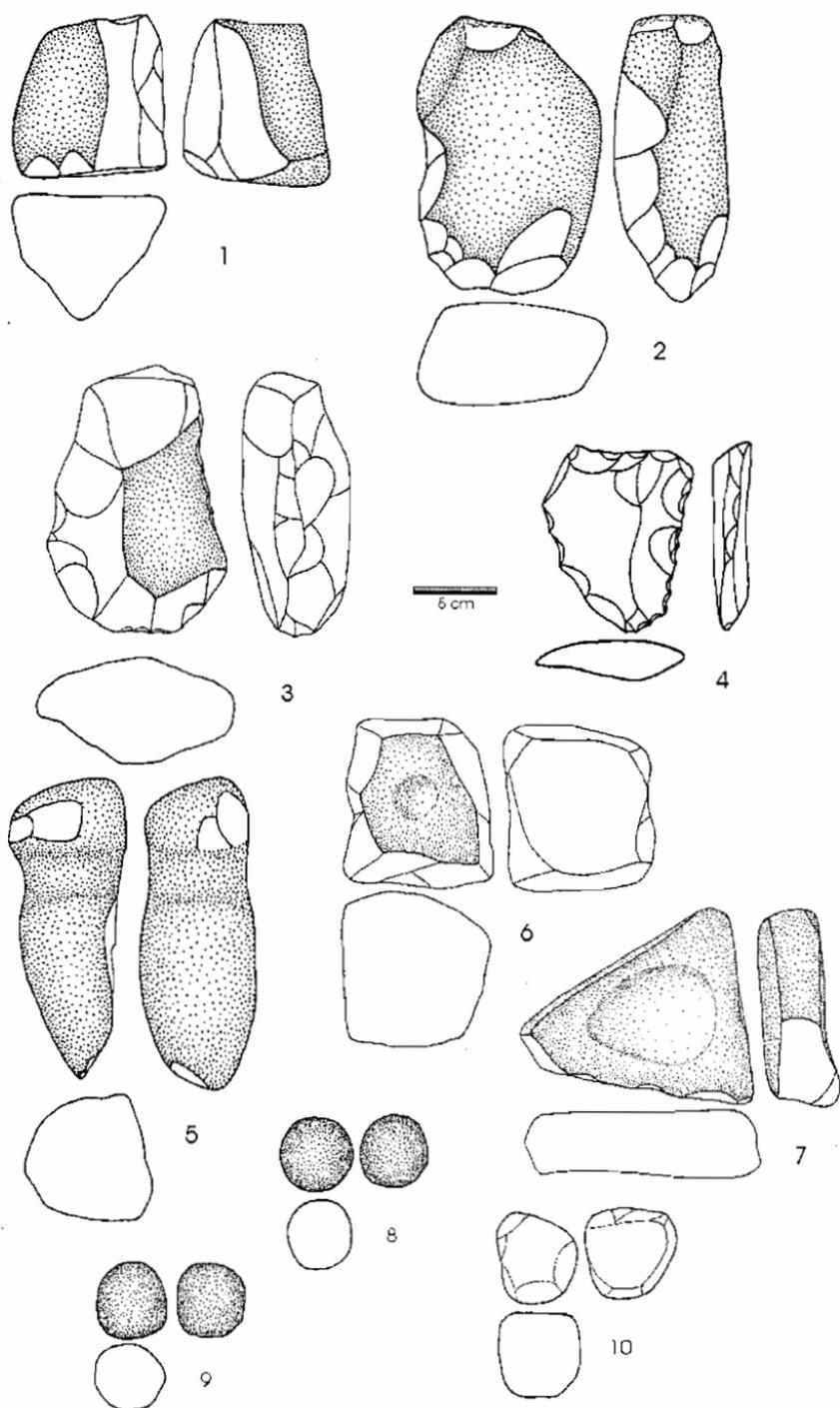


Figura 5. Exemplos da tecnologia do material lítico

atuais da área e do aumento significativo da biodiversidade que os assentamentos humanos começam a se intensificar junto aos rios e lagoas das áreas baixas. Enquanto ainda passando por um episódio de semi-aridez e chuvas torrenciais, temos somente a ocupação em MS-CP-22, estrategicamente posicionado às margens de um rio permanente e já caracterizado como uma importante drenagem na rede hidrográfica da região. Nesse momento, provavelmente as áreas baixas ainda não possuíam elementos atrativos para o estabelecimento humano (poucos recursos alimentares, lagoas pouco desenvolvidas ou mesmo ainda inexistentes e sem a inundação peridica fundamental para a mobilidade efetiva na região).

Os recursos efetivamente encontrados no contexto arqueológico e a própria implanta o na paisagem indicam uma permanência anual no sítio, sem que haja necessidade de maiores deslocamentos, o que parece não acontecer com os grupos assentados nas áreas baixas depois do  timo Climático (Schmitz e outros, 1998).

O desenvolvimento geo-ambiental do Pantanal poderia, portanto, ser um dos fatores responsáveis pelo hiato existente entre essa ocupa o pr -cerâmica mais antiga (c. 8.200 A.P.) e a ocupa o intensa das áreas baixas após 4.400 A.P..

Até que ponto as mudanças geomorfológicas e climáticas a partir do  timo Climático articulam-se com a implanta o maciça dos assentamentos nas áreas baixas   um problema essencial na história do povoamento pr -histórico do Pantanal que ainda está para ser resolvido.

Dessa forma, a continuidade da pesquisa na região deverá seguir dois caminhos:

- Por um lado, a intensifica o de levantamentos sistemáticos em áreas semelhantes   área de implanta o de MS-CP-22.   provável que esse não represente o único assentamento desse tipo.

- Por outro lado, a articula o mais intensa com a geomorfologia e a ecologia em rela o ao avanço dessas disciplinas nos estudos p leo-ambientais no Pantanal.

¹Instituto Anchietao de Pesquisas/Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AB'SABER, Aziz N. O Pantanal Mato-grossense e a teoria dos refúgios. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: IBGE, nº 50, 1988, p. 9-57. Tomo Especial.
- OLIVEIRA, Jorge E. **Guató. Argonautas do Pantanal**. Porto Alegre: EDIPUCRS, Série Arqueologia 2, 1996. 179 p.
- POR, F. D. **The Pantanal of Mato Grosso (Brazil)**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1995. 122 p.
- ROGGE, Jairo H. A Tradição Pantanal: uma nova tradição tecnológica nas terras baixas sul-americanas. **Simpósio Arqueología de las Tierras Bajas**. Montevideo, 1996. 21 p. (datiloscrito).
- SBEGHEN, Ana C. **Análise dos Remanescentes Faunísticos de Um Sítio do Pantanal Sul-Matogrossense**. São Leopoldo: UNISINOS, 1998. (Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências, Habilitação em Biologia).
- SCHMITZ, P. I., ROGGE, J. H., ROSA, A. O., BEBER, M. V. Aterros Indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul. **Pesquisas**, Antropologia nº 54. São Leopoldo: EDUNISINOS, 1998. 271 p.